

Regina Coeli: um nome e muitas vidas e histórias

*“Nós não nascemos humanos,
nós nos tornamos humanos”.*
Carl Jung (1875-1961)

Quando Ramón me pediu para elaborar um editorial em homenagem à Regina Coeli, prontamente aceitei, mas as dúvidas logo me invadiram - qual o tom para escrever sobre um ser humano, tão humano?

Não seria um “in memoriam”, nem uma relação de episódios profissionais como um currículo vitae.

O primeiro sinal foi não querer utilizar diretamente o computador, como atualmente faço, precisei escrever à mão, não queria nada entre nós, Regina e eu, sairia diretamente de minhas mãos, como um afago, um abraço de despedida... Ou um diálogo espiritual.

Regina era minha conterrânea, de Belém do Pará, foi minha colega e querida amiga. Regina poderia cantar “tomei um ita no Norte, e vim pro Rio morar, adeus meu pai, minha mãe, adeus Belém do Pará”, como na famosa canção. Mas tomou outro rumo, veio para Brasília, que viria a ser sua segunda cidade, onde reencontrou Alaor, com quem casou, pai de seus dois filhos, Leonardo e Eduardo, e seu companheiro por toda a vida.

Como uma verdadeira amazônida, precisava do verde para respirar, sua sala era cercada de vasos na janela – um pequenino jardim suspenso de Brasília. Pelo verde éramos recebidos, juntamente com seu largo sorriso e olhar confiante. A sala, tão aconchegante e acolhedora, era a primeira em que eu entrava quando vinha para reuniões em Brasília, e lá eu considerava o meu lugar de trabalho. Mas a sua natural alegria era entrecortada por sua sensibilidade social, bondade e profunda empatia em relação às dificuldades, necessidades e dor dos outros.

No espírito do “verde que te quero verde”, Regina plantou no seu sítio uma horta - era bonito vê-la chegar com uma cesta de hortaliças para presentear e distribuir entre colegas do Ibict. No seu coração era intenso o sentimento de partilhar, compartilhar. No Ibict, exerceu atividades na Biblioteca e participou de sua reestruturação. Mas o seu espaço mais duradouro foi na Editoração, coordenação da qual foi chefe a partir de 2006, até sua aposentadoria, em 2014.

No exercício da editoração científica, Regina viveu um rico aprendizado, em contato com autores, editores e todo o processo de fazer uma revista, a *Ciência da Informação*, depois a *Inclusão Social*, além de vários livros e coletâneas.

E se tornou uma verdadeira mestre. Lembro de uma dúvida minha e de uma colega, de como incluir no nosso artigo um aluno da pós-graduação que fizera as tabulações para nós: Regina ensinou às duas doutoras: “se ele não participou das ideias e da elaboração, não deve ser um dos autores. Façam um agradecimento no rodapé da primeira página”. Obedecemos, e toda a vez que tive uma dúvida dessa natureza, lembrava de seu ensinamento.

Na editoração, exercia o seu papel à frente da avaliação pelos pares, duplo cego, mantendo rigorosamente o anonimato de avaliadores e avaliados, ética em todos os momentos. Nem a ameaça de um diretor (que não era da área de Ciência da Informação) de demiti-la, quando se negou a identificar os avaliadores que reprovaram seu artigo. Valente, sem medo, ficou irredutível e foi mantida.

Durante o seu tempo na editoração, muitas histórias de Regina presenciamos, em atitudes de solidariedade e compaixão. Para lembrar e selecionar algumas nesta homenagem, precisei conversar com Davilene Ramos Chaves, que trabalhou comigo na minha temporada em Brasília, mas muito mais tempo esteve ao lado de Regina, na editoração. Pelo telefone conversamos, nos emocionamos e compartilhamos juntas a saudade de Regina, de quem ela afirmou comovida: “Regina fez muita coisa nesse período de vida em que ela esteve na Terra”. Devo à Davilene evocações inesquecíveis, histórias que ela ajudou a lembrar, relatadas neste texto as mais marcantes, inesquecíveis.

Um caso emblemático foi o do adolescente Jair Pereira dos Santos, que entrou no Ibict com 14 ou 15 anos, pelo programa “Bons Meninos”, de ajuda a adolescentes e jovens de colégios públicos e de comunidades de baixa renda. Depois de selecionados, estagiavam no instituto e recebiam uma remuneração para apoiar o quadro de pessoal em atividades administrativas, técnicas e de pesquisa.

Regina abriu suas asas protetoras sobre Jair e sua família pelo resto da vida dele, o apoiou nos estudos, na formatura e até no casamento, juntamente com Alaor e seus filhos. Infelizmente Jair adoeceu e durante a sua doença Regina não deixou de visitá-lo, confortá-lo e estar com ele até a sua morte. Jair é um caso individual, mas Regina indiscriminadamente levava crianças e jovens para a igreja, pagava almoço, enfim, ajudava no possível e às vezes o impossível.

Durante o seu período de atividades na editoração, planejamos juntas uma série, com o objetivo de integrar a equipe de Brasília, sede, com a do Departamento de Ensino e Pesquisa, que eu chefiava no Rio de Janeiro. Regina sempre compreendeu, apoiou e respeitou o exercício da docência e da pesquisa e manteve com os professores e pesquisadores as melhores relações de trabalho e amizade. Devemos à Regina a publicação de excelentes coletâneas da série denominada “Conhecimento Público”. Fruto de um esforço do DDI e DEP, do Ibict, foram lançadas as seguintes: *Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade*, em 1999; *O sonho de Otlet: aventura em tecnologia da informação e comunicação*, em 2000, e *Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem*, publicada também em 2000.

Anos depois, a Unesco passou a apoiar as publicações do Ibict e voltamos a trabalhar juntas na coletânea “Desafios do impresso ao digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento”, organizada por Gilda Maria Braga e por mim. Esta coletânea incluiu autores brasileiros e estrangeiros do porte de Tefko Saracevic, do qual publicamos e reunimos as suas pesquisas sobre relevância, cada uma realizada numa década. Além de autores como Michel Menou, da França, Chaim Zins, de Jerusalém e Eduardo Orozco, de Cuba. O título “Desafios do impresso ao digital” foi adotado também num vídeo sobre o Ibict.

Regina não exercia sua bondade e delicadeza somente com jovens. Ubirajara Silva, tradutor do Ibict e já aposentado, era por ela recebido com respeito e carinho. Ubirajara dominava quatro ou cinco línguas, era um homem culto e em sua companhia aprendíamos muito. Numa tarde, reunidos no Ibict, discutimos a tradução de “cientometrics”, que equivocadamente autores brasileiros e até a própria revista *Ciência da Informação* traduziram por *cienciometria*, como também era usada em língua espanhola. Eu não concordava e traduzia por *cientometria*, daí pedir a Ubirajara para explicar a sua etimologia. Pacientemente, ele falou sobre a origem latina *Scientia*, com “t”, tanto que escrevemos *cientista* e *científico*, e não *ciencista* ou *ciencífico*, portanto, *cientometria* era o correto em português.

Infelizmente, nos seus últimos anos na editoração Regina enfrentou o esvaziamento de sua equipe, por aposentadoria e, em fase difícil do instituto, não foi feita uma recomposição que apoiasse suas pesadas responsabilidades de editora. Regina lutou muito, muito. Nesse período passou a sofrer de fortes crises de sinusite, que não poucas vezes a levaram ao hospital. Para ela, a quem não havia limite de horário de trabalho, por sua dedicação apaixonada, preocupava ter de se ausentar por essas crises.

Regina foi aposentada em 6 de março de 2014, e passou a morar com Alair numa casa nova, no Guarujá, embora mantivessem apartamento e sítio em Brasília, para onde vinham muitas vezes. Sua vida passou a ser povoada também por netos, três, que a deixaram absolutamente encantada.

Regina se afastou do Ibict nos últimos tempos, mas essa distância física não apagou a sua obra e tudo que realizou como profissional e ser humano. Sua morte foi um choque em todo o instituto, na sede e no Rio de Janeiro.

A epígrafe desta homenagem, de Carl Jung, foi escolhida por inspiração em Regina Coeli, um ser humano em constante “tornar-se humana”, o que cumpriu —

de forma profunda e indelével.

Rio de Janeiro, 23 de maio de 2020

Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Pesquisadora e professora do Ibict, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (convênio Ibict-UFRJ)

Regina Coeli: one name and many lives and stories

*"We are not born human,
we become human".
Carl Jung (1875-1961)*

When Ramón asked me to elaborate an editorial in memory of Regina Coeli, I promptly accepted, mas doubt soon set in – which tone to write about a human, so humane?

It wouldn't be an "in memorian", nor a relation of professional events as a life's curriculum.

The first sign was not willing to use the computer directly, as I usually do. It had to be handwritten. I didn't want anything between us, Regina and me. It would come out of my hands themselves, as a cuddle, a farewell hug... Or a spiritual dialogue.

Regina was my fellow countrywoman, from Belém do Pará, she was my colleague and dear friend. Regina could sing "I took an ita in the north, and I came to Rio to live, goodbye my father, my mother, goodbye Belém do Pará", as in the famous song. But she took another direction, came to Brasília, which would become her second city, where she met Alaor, whom she married, father of her two children, Leonardo and Eduardo, and her companion for life.

Like a true Amazonian, she needed green to breathe, her room was surrounded by vases by the window - a small hanging garden in Brasília. We were welcomed by the green, together with her wide smile and confident look. The room, so cozy and welcoming, was the first one I entered when I came to meetings in Brasília, and there I considered my place of work. But her natural joy was interrupted by her social sensitivity, kindness and deep empathy for the difficulties, needs and pain of others.

In the spirit of the "green I want you green", Regina planted a vegetable garden on her farm - it was beautiful to see her arrive with a basket of vegetables to give as a gift and distribute among colleagues at Ibict. In his heart there was an intense feeling of sharing, sharing. At Ibict she worked at the Library and participated in its restructuring. But her most enduring space was in publishing, Coordination of which she was chief from 2006, until her retirement in 2014.

In the exercise of scientific publishing, Regina experienced a rich learning experience, in contact with authors, editors and the entire process of making a journal, *Ciência da Informação*, then journal *Inclusão Social*, in addition to several books and collections. And she became a true master. I remember a question a colleague and I had, on how to

include in our article a graduate student who had done the tabulation for us: Regina taught the two doctors: "if he did not participate in the ideas and elaboration, he must not be one of the authors. Add a footnote acknowledgement on the first page". We obeyed, and every time I had a question of that nature, I remembered her teachings.

In the editorial work, she exercised her role managing the double-blind peer review, strictly maintaining the anonymity of reviewers and authors, ethical at all times. Not even the threat of a Director (who was not in the Information Science field) to fire her when she refused to identify the reviewers who disapproved his article. Valiant, without fear, she was unyielding and was maintained at her position.

During her time in publishing, we witnessed many Regina's stories, in attitudes of solidarity and compassion. To remember and choose some in this tribute, I had to talk to Davilene Ramos Chaves, who worked with me during my stay in Brasília, but spent much more time with Regina, at the publishing coordination. On the phone, we talked, we got emotional and we shared Regina's longing together, of whom she affirmed with emotion: "Regina did a lot during her period of life on Earth". I owe Davilene unforgettable evocations, stories she helped remember, the most striking, unforgettable, reported in this text.

An emblematic case was that of the teenager Jair Pereira dos Santos, who entered the Ibict at the age of 14 or 15, through the "Bons Meninos" program, to help teenagers and young adults from public schools and low-income communities. After being selected, they interned at the Institute and received remuneration to support the staff in administrative, technical and research activities.

Regina spread her protective wings over Jair and her family for the rest of his life, supported him in studies, graduation and even marriage, together with Alaor and her children. Unfortunately Jair fell ill and during his illness Regina did not fail to visit him, comfort him and be with him until his death. Jair is an individual case, but Regina indiscriminately took children and young people to church, paid for lunch, in short, helped in the possible and sometimes the impossible.

During her period of activities in publishing, we planned a series together, with the objective of integrating the team from Brasília, headquarters, with the Department of Education and Research, which I headed in Rio de Janeiro. Regina always understood, supported and respected teaching

and research and maintained the best working and friendly relationships with teachers and researchers. We owe Regina the publication of excellent collections in the series called “Public Knowledge”. As a result of an effort by Ibict’s DDI and DEP, the following were launched: Information Science, Social Sciences and interdisciplinarity, in 1999; Otlet’s dream: adventure in information and communication technology, in 2000; and Interdiscourses of Information Science: art, museum and image, also published in 2000.

Years later, UNESCO started supporting Ibict publications and we worked together again in the collection “Challenges from print to digital: contemporary issues of information and knowledge”, organized by Gilda Maria Braga and me. This collection included Brazilian and foreign authors of the size of Tefko Saracevic, from which we published and gathered his research on relevance, each carried out in a decade. In addition to authors like Michel Menou, from France, Chaim Zins, from Jerusalem and Eduardo Orozco, from Cuba. The title “Challenges from print to digital” was also adopted in a video about Ibict.

Regina did not exercise her kindness and tenderness only with young people. She received Ubirajara Silva, Ibict’s translator and already retired, with respect and affection. Ubirajara mastered four or five languages, he was a cultured man and in his company we learned a lot. One afternoon, meeting at Ibict, we discussed the translation of “cientometrics”, which mistakenly Brazilian authors and even the journal *Ciência da Informação* itself translated into “cienciometria”, as it was also used in the Spanish language. I didn’t agree and translated it to “cientometria”, so I asked Ubirajara to explain its etymology. He patiently spoke about the Latin origin Scientia, with “t”, so much so that we write “cientista” and “científico”, not “ciencista” or “ciencífico”, so “cientometria” was the correct translation in Portuguese.

Unfortunately, in her last years in publishing, Regina faced the emptying of her team, due to retirement and, in a difficult phase of the Institute, no recomposition was made to support her heavy duties as a publisher. Regina fought a lot, very much. During this period, she suffered from severe sinus attacks, which often took her to the hospital. For her, for whom there was no working time limit, due to her passionate dedication, she worried about having to be absent due to these crises.

Regina retired on March 6, 2014, and went to live with Alaor in a new house, in Guarujá, although they maintained an apartment and farm in Brasília, which they often came to visit. Her life started to be populated also by grandchildren, three, who left her absolutely enchanted.

Regina kept away from Ibict in her last years, but that physical

distance has not erased her work and everything she has done as a professional and as a human being. Her death was a shock throughout the Institute, at headquarters and in Rio de Janeiro.

The epigraph of this tribute, by Carl Jung, was chosen inspired by Regina Coeli, a human being in constant “becoming human”, which she fulfilled —

deeply and indelibly.

Rio de Janeiro, May 23, 2020

Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Researcher and professor at Ibict,
of the Graduate Program in Information Science
(Ibict-UFRJ agreement)

Regina Coeli: un nombre y muchas vidas e historias

*“No nacemos humanos,
nos tornamos humanos”.*
Carl Jung (1875-1961)

Cuando Ramón me pidió que escribiera un editorial en honor a Regina Coeli, lo acepté de inmediato, pero las dudas pronto me invadieron: ¿cuál es el tono para escribir sobre un ser humano, tan humano?

No sería un “in memoriam”, ni una lista de episodios profesionales como un curriculum vitae.

La primera señal era no querer usar la computadora directamente, como lo hago normalmente. Tenía que escribir a mano. No quería nada entre nosotros, Regina y yo. Saldría de mis manos, como un cariño, un abrazo de despedida... O un diálogo espiritual.

Regina era mi paisana, de Belém do Pará, era mi colega y querida amiga. Regina podía cantar “Tomé un ita en el norte, y vine a Río a vivir, adiós mi padre, mi madre, adiós Belém do Pará”, como en la famosa canción. Pero tomó otra dirección, llegó a Brasilia, que se convertiría en su segunda ciudad, donde conoció a Alaor, con quien se casó, padre de sus dos hijos, Leonardo y Eduardo, y su compañero de por vida.

Como una verdadera amazónica, necesitaba verde para respirar, su habitación estaba rodeada de jarrones junto a la ventana, un pequeño jardín colgante en Brasilia. Nos recibió el verde, junto con su amplia sonrisa y su mirada confiada. La sala, tan acogedora y acogedora, fue la primera en la que entré cuando asistí a las reuniones en Brasilia, y allí consideré mi lugar de trabajo. Pero su alegría natural fue interrumpida por su sensibilidad social, amabilidad y profunda empatía por las dificultades, las necesidades y el dolor de los demás.

En el espíritu de la “verde que te quiero verde”, Regina plantó un huerto en su granja - era bonito verla llegar con una cesta de verduras para regalar y distribuir entre los colegas en Ibict. En su corazón había un intenso sentimiento de distribuir, compartir.

En Ibict trabajó en la Biblioteca y participó en su reestructuración. Pero su espacio más duradero fue la publicación, cuya coordinación fue jefe desde 2006, hasta su retiro en 2014.

En el ejercicio de la publicación científica, Regina experimentó una rica experiencia de aprendizaje, en contacto con autores, editores y todo el proceso de producir una revista, *Ciência da Informação*, em seguida la revista *Incusão Social*, además de

varios libros y colecciones. Y ella se convirtió en una verdadera maestra. Recuerdo una pregunta de mí y un colega, cómo incluir en nuestro artículo a un estudiante graduado que había hecho la tabulación por nosotros: Regina enseñó a los dos médicos: “si él no participó en las ideas y la elaboración, no debe ser uno de los autores. Hagan un agradecimiento al pie de la primera página “. Obedecemos, y cada vez que tenía una pregunta de esta naturaleza, recordaba sus enseñanzas.

En el trabajo editorial, ejerció su papel gestionando la revisión por pares, doble ciego, manteniendo estrictamente el anonimato de los revisores y evaluadores, ética en todo momento. Tampoco fue la amenaza de un Director (que no estaba en el área de Ciencias de la Información) despedirla cuando se negó a identificar a los revisores que desaprobaban su artículo. Valiente, sin miedo, fue irreductible y se mantuvo.

Durante su tiempo en la coordinación de editoración, presenciábamos muchas historias de Regina, en actitudes de solidaridad y compasión. Para recordar y seleccionar algunos en este homenaje, tuve que hablar con Davilene Ramos Chaves, quien trabajó conmigo durante mi estadía en Brasilia, pero pasó mucho más tiempo con Regina, en la editoración. Hablamos por teléfono, nos emocionamos y compartimos el anhelo de Regina, de quien afirmó con emoción: “Regina hizo mucho durante este período de vida que estuvo en la Tierra”. Le debo a Davilene evocaciones inolvidables, historias que ella ayudó a recordar, relatadas en este texto las más sorprendentes e inolvidables.

Un caso emblemático fue el del adolescente Jair Pereira dos Santos, que ingresó al Ibict a la edad de 14 o 15 años, a través del programa “Bons Meninos”, para ayudar a adolescentes y jóvenes de escuelas públicas y comunidades de bajos ingresos. Después de ser seleccionados, hicieron una pasantía en el Instituto y recibieron una remuneración para apoyar al personal en actividades administrativas, técnicas y de investigación. Regina extendió sus alas protectoras sobre Jair y su familia por el resto de su vida, lo apoyó en estudios, graduación e incluso matrimonio, junto con Alaor y sus hijos. Desafortunadamente, Jair cayó enfermo y durante su enfermedad Regina no dejó de visitarlo, consolarlo y estar con él hasta su muerte. Jair es un caso individual, pero Regina llevó indiscriminadamente niños y jóvenes a la iglesia, pagó el almuerzo, en resumen, ayudó en lo posible y, a veces, en lo imposible.

Durante su período de actividades de publicación, planeamos una serie conjunta, con el objetivo de integrar al equipo de Brasília, sede, con el Departamento de Educación e Investigación, que dirigí en Río de Janeiro. Regina siempre entendió y apoyó y respetó la enseñanza y la investigación, y mantuvo las mejores relaciones laborales y amistosas con docentes e investigadores. Le debemos a Regina la publicación de excelentes colecciones en la serie llamada “Conocimiento público”. Como resultado de un esfuerzo de DDI y DEP de Ibict, se lanzaron los siguientes: Ciencias de la información, Ciencias sociales e interdisciplinariedad, en 1999; El sueño de Otlet: aventura en tecnología de la información y la comunicación, en 2000 e Interdiscursos de Ciencia de la Información: arte, museo e imagen, también publicado en 2000.

Años más tarde, UNESCO comenzó a apoyar las publicaciones del Ibict y volvimos a trabajar juntas en la colección “Desafíos del impreso al digital: temas contemporáneos de información y conocimiento”, organizados por Gilda Maria Braga y yo. Esta colección incluyó autores brasileños y extranjeros de la envergadura de Tefko Saracevic, de los cuales publicamos y recopilamos su investigación sobre relevancia, cada uno realizado en una década. Además de autores como Michel Menou, de Francia, Chaim Zins, de Jerusalén y Eduardo Orozco, de Cuba. El título “Desafíos del impreso al digital” también se adoptó en un video sobre Ibict.

Regina no ejercía su amabilidad y delicadeza solo con los jóvenes. Ubirajara Silva, traductor de Ibict y ya jubilado, era recibido por ella con respeto y afecto. Ubirajara dominaba cuatro o cinco idiomas, era un hombre culto y en su compañía aprendimos mucho. Una tarde, reunidos en Ibict, discutimos la traducción de “cientometría”, que erróneamente autores brasileños e incluso la propia revista *Ciência da Informação* tradujeron para cienciaometría, ya que también se usaba en español. No estaba de acuerdo y lo traduje por “cientimetría”, así que le pedí a Ubirajara que explicara su etimología. Habló pacientemente sobre el origen latino de Scientia, con “t”, tanto que escribimos “cientista” y “científico”, no “ciencista” o “ciencífico”, por lo que la “cientometría” era la traducción correcta en portugués.

Desafortunadamente, en sus últimos años en la publicación, Regina enfrentó el vaciamiento de su equipo, debido a la jubilación y, en una fase difícil del Instituto, no se hizo ninguna recomposición para apoyar sus grandes responsabilidades como editorial. Regina peleó mucho, mucho. Durante este período, sufrió severos ataques sinusales, que a menudo la llevaron al hospital. Para ella, para quien no había límite de tiempo de trabajo, debido a su dedicación apasionada, le preocupaba tener que estar ausente debido a estas crisis.

Regina se retiró el 6 de marzo de 2014 y se fue a vivir con

Alaor a una nueva casa, en Guarujá, aunque mantenían un departamento y una granja en Brasília, que solían visitar. Su vida comenzó a ser poblada también por nietos, tres, que la dejaron absolutamente encantada.

Regina se alejó del Ibict en sus últimos años, pero esa distancia física no ha borrado su trabajo y todo lo que ha hecho como profesional y como ser humano. Su muerte fue un impacto en todo el Instituto, en la sede y en Río de Janeiro.

El epígrafe de este homenaje, por Carl Jung, fue elegido por inspiración en Regina Coeli, un ser humano en constante “convertirse en humano”, que cumplió —

de forma profunda e indeleble.

Río de Janeiro, 23 de mayo de 2020

Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Investigadora y profesora del Ibict, en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Información (acuerdo Ibict-UFRJ)

Revivendo Regina Coeli

Direção:

Maria de Nazaré Freitas Pereira (Nazinha)

Depoimentos:

Adir Nascimento, Anaiza Caminha Gaspar, Davilene Chaves, Luiz Antônio Gonçalves da Silva, Marcia Rocha da Silva, Selma Santiago, Ubirajara Vicente da Silva, Valéria Vieira.

Viajar (v.)

viver o suficiente para se achar. é podar as próprias raízes. é brincar de ter asas. é máquina de fazer memórias. é desenhar um mapa com vivências. é atestar a imensidão do mundo.

é pegar carona no vento. é perceber que nossa casa é passageira, cidades são estações, e nós somos o trem. é a gente conhecendo o mundo, ou o mundo conhecendo a gente?

João Doederlein (@akapoeta)!

O livro dos ressignificados.

Dig- dig, Regina, dig-lá!

Fala, cabeção!

Por que sair assim de supetão? Por um acaso desconheces que farias os tantos teus chorar aos turbilhões?

Não quero acreditar. Vou te pensar atemporal, aqui, no meu canto, tentando, entre lágrimas e verbos ainda despernados de sentido, dar conta do que me pediu Ramon, que te homenageasse, no que de pronto respondi:

Regina era inteira, inquieta, íntegra. Como não se deixar tomar por esses 3Is que ela carregava em fúria por onde fosse? Estou despedaçada. Eu a amava de paixão!

Regina foi dessas pessoas que veio ao mundo para fazer dele um lugar honrado para viver em toda a sua plenitude. Foi uma grande honra que ela florescesse entre nós! Devo muito a ela. Conte comigo. É uma honra o convite que me faz. Muito obrigada. Lena, amiga que carrego no peito, e eu estivemos juntas ontem na aula inaugural da nossa pós. Falamos de Regina com a voz embargada e os olhos marejados de saudades.

Nazinha

Para Anaiza Gaspar, amiga íntima de Regina, transitando entre o público - foi sua chefe no Ibict - e o privado - vizinha de chácara, no Lago Oeste... ELA É MUITA COISA!

Como dar conta então de uma homenagem que não pode ser singular? No plural, com as pessoas do público-privado tecendo uma colcha de retalhos, parecidas com aquelas cheias de história e honra que são personagens em rituais de casamento em tribos indígenas.

Regina e eu adentramos nas respectivas vidas pela porta da razão: idas e vindas de provas de uma coletânea que Lena e eu editamos, inúmeras avaliações de artigos para publicação na revista *Ciência da Informação* e, o mais marcante de todos, uma pesquisa para orientar a inovação temática da revista. Marcante por sua metodologia e pelo desvio da normalidade da vida plena, escancarando a porta da emoção: Patrícia, minha filha mais velha - e já se vão nove anos - assim que nem a Regina, resolveu partir de supetão, sem deixar bilhete, sem aviso prévio.

Regina virou mãe, irmã mais velha, conselheira, rezadeira... e sua sala de trabalho era o lugar em que eu entremeava relatos da pesquisa e estados de alma extremados! A solenidade daqueles encontros plasmou encantamento. Nascia grande solenidade e respeito no enfrentamento do dilaceramento, origem de grande amizade. E também de resiliência.

As conversas com as memórias de Regina organizam um arquétipo do amigo ideal, do funcionário inovador dedicado a sua causa, da pessoa apaixonada pela vida, tecido por fatos e sentimentos narrados por aqueles que com ela conviveram no trabalho: Adir Nascimento, Anaiza Caminha Gaspar, Davilene Chaves, Luiz Antonio Gonçalves da Silva, Márcia Rocha da Silva, Selma Santiago, Ubirajara Vicente da Silva e Valéria Vieira.

Anaiza Gaspar chefiava a unidade de planejamento do Ibict, em 1987, quando conheceu Regina.

Sua paixão pelo projeto que ela coordenava à época me chamou a atenção. Era uma coisa de vanguarda, com metodologias de prospecções, permitindo orientações de futuro traduzidas em estratégias e cenários para a instituição. Poucas pessoas entendiam do que se tratava. Ela era a minha mais entusiasmada interlocutora! Passam-se os anos, a inquietude uma constante. E eis que surge a direção da revista *Ciência da Informação*, sem dúvida o trabalho de grande marca que deixou no Ibict. Ela era pessoa de larga visão. Sua força residia em um anseio pelas coisas que ela adivinhava, sem saber que eram as coisas boas que deviam ser adiantadas, previstas. Uma revista científica pode ser instrumento para romper paradigmas, inserindo-se no curso da vida de uma pessoa de grande visão, como Regina.

Luiz Antonio Gonçalves da Silva fala de Regina com a mesma intensidade de Anaiza.

Do ponto de vista profissional, tenho a destacar duas de suas características que me chamaram a atenção. A persistência com que assumia uma tarefa até o seu cumprimento final. Assim foi, por exemplo, na publicação da atualização da CDU em língua portuguesa. Quantas dificuldades apareceram, e ela levou a tarefa até o fim. A outra qualidade era a ousadia com a qual se lançava. Assim foi com a revista *Inclusão Social*. Procurou, como editora, ampliar o debate da inclusão para além da Ciência da Informação. Com persistência, também, conseguiu colaborações de nomes destacados da época que lidavam em diferentes campos sociais e políticos com questões de inclusão. Posso lembrar de nomes como Zilda Arns, Frei Betto, Leonardo Boff, Fernando Haddad (ministro da Educação na época), Patrus Ananias, e outros cujos nomes podem ser encontrados no índice de autores da revista. Foi um feito de sua parte. E com muito humor relatava a batalha que travou para conseguir essas colaborações.

Alma (s.f)

É aquela que dança por entre os frágeis ossos do meu corpo. É quem abraça a mortalidade do nosso ser, é aquela que veste os sentimentos com elegância, é etérea, é a parte da gente dentro de um sonho, é o nosso corpo em outra vida. É quem mora na nossa essência. É quem sustenta o peso do meu viver.

*João Doederlein (@akapoeta)!
O livro dos resignificados.*

E que viver! Quem ilustra a pulsão pela vida é Selma Santiago, colega de Regina no Museu Paraense Emilio Goeldi e depois no Ibict, uma no Rio de Janeiro e a outra em Brasília. Nascida em Belém do Pará, ainda estudante de biblioteconomia, no começo dos anos 70, Regina estagiou na biblioteca do museu. Já formada, passou à condição de bibliotecária da instituição, onde permaneceu até o início dos anos 80, quando foi autorizada pela direção do museu a fazer uma especialização em biblioteconomia na Universidade Católica de Brasília. Não foi nada fácil enfrentar a resistência da chefia da biblioteca, mas o diretor do Goeldi, pessoa sempre atenta aos “problemas” dos funcionários, a deixou ir; ele sabia que Regina queria viver mais próximo do amor da sua vida, Alaor, um jovem rapaz residente em Goiânia. Não deu outra: em 1982, o casal vestiu os sentimentos com elegância, em uma bela cerimônia realizada na igreja Dom Bosco, em Brasília. Regina foi transferida do museu para o Ibict, onde se aposentou, em 2014.

E com Alaor viveu até o último momento, fazendo do amor uma solução de vida, o amor incondicional, fluindo sem esforço direto do coração para acolher, anos depois, os rebentos Leonardo e Eduardo, o Leo e o Edu, como ela amorosamente os chamava. Os filmes são feitos de histórias como essa.

Regina partiu lindamente, numa calma profunda, em paz. No dia em que foi chamada para habitar o Céu, como “rainha era”, espalhou orquídeas pelos ambientes e, numa cena cinematográfica, fechou as cortinas da casa e se recolheu do nosso mundo.

Márcia Rocha

Passagens da vida de Regina poderiam mesmo ser reunidas em edificante roteiro de filme. Adir Nascimento, que dirigiu a *Qualidade de Vida* no Ibict durante anos, privou de vivências inimagináveis com Regina. É comovente a história da cesta de frutas, verduras e legumes que ela trazia para entregar a uma pessoa doente. Davilene Chaves, do Ibict, integrou a equipe de trabalho na editoração. Em conversa telefônica, acrescentou que a colheita dos produtos que a cesta enchia era feita na chácara de Regina, por ela mesma, que também os cultivava. Por isso, diz Adir:

Quando uma pessoa especial parte de nossas vidas, percebemos o quanto ela continua viva em nossos pensamentos. Muitas vezes, até mais viva que antes. É difícil esquecer de uma pessoa como Regina. De seus ensinamentos, do enorme coração que tinha, sempre querendo ajudar os outros. Era minha grande parceira na *Qualidade de Vida*. Me chamava a atenção o respeito que ela tinha pelas pessoas e o amor que tinha por seu trabalho. Me recordo do nosso querido Jair Pereira dos Santos, quando adoeceu e Regina trazia cestas de legumes, verduras e frutas para que eu pudesse entregar a sua família, para que ele tivesse uma boa alimentação, já que estava com leucemia. Na época dos menores do Programa Bom Menino, ajudou a muitos menores, que em sua maioria eram arrimo de família e passavam muita necessidade. Regina era assim: mãe quando precisávamos de um colo, amiga quando precisávamos de um abraço e uma sábia quando precisávamos de ajuda para resolver alguma questão profissional ou pessoal. Guardarei em meu coração lindas memórias dela, além de sua generosidade e o respeito que tinha por meu trabalho e com o ser humano. Hoje uma nova estrela ilumina o céu. Regina foi a pessoa mais bem humorada, mais humana, mais amiga que já conheci. Então o céu está feliz. Foi um privilégio conhecê-la. Guardarei para sempre seus ensinamentos. E acreditem, pessoas especiais assim não morrem jamais, tornam-se imortais.

Na mesma sintonia, Ubirajara Vicente da Silva, tradutor da *Classificação Decimal Universal*, e que com Regina muito conviveu, vai continuar a tê-la “sempre diante de seus olhos, como aquela pessoa afável, hábil, competente e irradiante de felicidade por ter-se plenamente realizado na vida.

Regina (s.p.):

Regina tem origem a partir do latim Regina, que quer dizer literalmente “rainha”, “senhora absoluta” ou “a maior”.

Dicionário de nomes próprios.

<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/regina/>

Mas a Regina, que ainda tinha Coeli acrescido ao nome, um céu de rainha arquitetou na vida de pessoas a quem guiou! Valéria Vieira, aos 16 anos, entra no Ibict para estagiar na Seção de Editoração, com ela no comando. Após um tempo guiada e lapidada pela fada madrinha, a menina vive um conto de fadas: subiu de andar para se tornar secretária da direção, função que ocupa majestosa até hoje. Gratidão é o mote!

De tantas pessoas maravilhosas que conheci no mundo, uma delas se chama Regina Coeli: coração gigante, que me abraçou e me acolheu, como chefe, mãe, amiga e conselheira. Ela exerceu amor e compaixão pelo próximo, ajudava muitas pessoas, tinha cuidado e carinho com elas, como se da família fossem; ela era calma e agitação, nela residiam duas versões; leveza na fala e rapidez no agir; não era mulher de desistir, o que ela queria, levava até o fim. Agradeço a Deus pela oportunidade de com ela ter convivido, e por ter entrado inteira na minha vida; muito do que sou tem participação e ensinamentos dela. Ainda bem que existem as lembranças. Com e por elas, as pessoas permanecem vivas dentro de nós!

Quem memoriza Regina agora é Márcia Rocha, que com ela trabalhou no Canal Ciência.

Imagino que quase tudo já tenha sido dito sobre a profissional, a mulher, a amiga forte e sensível chamada Regina Coeli. Penso no que poderia ter ficado sem escrever pelos meus colegas do Ibict. Há ocasiões como essa, em que até os nossos pensamentos se fecham, feito máquinas fotográficas antigas, numa espécie de “zoom” em sentido contrário. A palavra dói e resiste em sair.

Fecho os olhos e vejo a expressão de seu rosto.

Imediatamente, me vem o sorriso que saía fácil, que brilhava, espalhava e preenchia os ambientes através dos olhos, da sua contagiante alegria de viver. Quando entrávamos na *Ciência da Informação*, essa energia era presente. Regina tinha sempre um leque de assuntos para conversar com todos, da funcionária que cuidava da limpeza do Ibict ao diretor da instituição. Era um ser social.

Instantaneamente também, me vem a imagem jovial daquela “senhora absoluta”. Seus cabelos em tons acobreados, penteados, torcidos e presos no topo da cabeça, num clássico coque e, ao mesmo tempo, moderno e despojado. Quem não se lembra dessa marca singular da Regina Coeli?

Meu 1º. dia de trabalho no Ibict foi inesquecível. Era o ano de 2003 e a professora Marisa Bräscher, então diretora da instituição, me levou à *Ciência da Informação* para conhecer Regina. Ela, num voluntarismo, numa firmeza de decisão, num agir com o coração, me acolheu: “- Seja muito bem-vinda, Márcia, aqui será o ponto de apoio do Canal Ciência!” Era um projeto novo de divulgação científica, recém-saído do papel, no qual eu trabalharia por 10 anos.

O tempo deu os seus giros ao redor do Sol.

Nossa aposentadoria chegou, e cada uma seguiu seu curso. Entre nossos ires e vires, ela entre Brasília-São Paulo-Guarujá, eu entre várias outras viagens, conseguimos nos encontrar algumas poucas vezes.

Sua casa na chácara, um santuário fora desse mundo barulhento, não era um lugar que renunciava ao mundo, mas um paraíso na Terra onde, junto de seus familiares mais queridos, se conectava e restaurava sua energia e bem-estar, curtindo a vida em contato com a natureza.

Regina partiu lindamente, numa calma profunda, em paz. No dia em que foi chamada para habitar o Céu, como “rainha era”, espalhou orquídeas pelos ambientes e, numa cena cinematográfica, fechou as cortinas da casa e se recolheu do nosso mundo.

Sentirei falta dessa mulher à frente de seu tempo e que contagiava a todos... com sua sabedoria anciã.

A esse ser amável e generoso, ofereço minha gratidão e meu amor.

E honro sua jornada conosco. Pensar assim me consola, me preenche e me fortalece.

Morte (s.f.)

É irmã gêmea da vida, juíza, é quando chega a seca no sertão, é se eternizar no próprio passado. Quando acaba a bateria da alma.

É parar o próprio relógio. Pesada demais para quem não se apoia em aceitação. Pouca sílaba para muita dor.

É quando o universo pede de volta aquilo que ele deu.

João Doederlein (@akapoeta)!

O livro dos ressignificados.

Anaiza Gaspar relembra a amiga na vida pessoal, de convivência, sempre carinhosa, pronta a ajudar.

Um problema que a gente compartilhasse acabava se tornando uma coisa a qual ela se entregava totalmente, e com uma disposição incrível para resolver ou para encontrar alternativas, soluções, que eram muitas, como é a própria vida, que nunca é um caminho reto, mas são múltiplas opções, múltiplas escolhas. Foi assim com a compra da chácara, pois meu filho queria construir um canil, e ela acabou me trazendo para o Lago Oeste. Ao mesmo tempo ela andava procurando um lugar espaçoso para seus dois filhos pequenos e também para colocar as coisas bonitas que a rodeavam. Essa era uma característica dela, a de tomar conta da casa. Ela acaba comprando uma chácara também no Lago Oeste. Regina também era urbana mas o Alaor gostava do campo, tinha planos para quando se aposentasse. E ela enfrentou tudo isso com uma certa nostalgia. Ela tinha medo dos grilos. Ambas as casas, pequenas em seu início, foram construídas ao mesmo tempo. Regina, bem mais pés no chão, além de me dar sugestões incríveis, me alertava sobre possíveis escolhas que não iriam dar certo. Mais do que uma amiga querida, foi uma irmã adorável.

A casa pequenina de Regina cede espaço a uma casa grande. E de novo eu estava vivendo o que ela fazia de extraordinário, com enorme alegria com uma parede de vidro que dava para o jardim, ou um banheiro com uma banheira maravilhosa! Ao mesmo tempo, ela tinha uma horta incrível, que o Alaor cultivava. Não posso imaginar casal que tivesse atravessado a vida e todas as dificuldades com tanta boa disposição. Não é que não houvesse conflitos. É que eles tinham uma alegria muito forte, pois sabiam que podiam contar um com o outro. É um amor que vai além do amor romântico imaginado por muitos.

O amor da Regina com o Alaor nasce dessa coisa difícil que é aceitar a alteridade. Mais do que aceitar é conviver com o que está no outro, e fazer do outro a sua melhor realização.

Isso era a Regina. Ela não só caminhava com aquele sorriso imenso, largo, gostoso, os olhos brilhando, é assim que eu a vejo ainda hoje. Ela não morreu. Não morrem pessoas assim, não desaparecem, elas deixam sua marca com tal força e alegria, que a gente acredita que sejam perenes. Cada vez que eu lembro a Regina, seja na estrada aqui no Lago Oeste, onde a gente se cruzava sempre, seja na minha casa ou na dela, o que vem é a alegria para enfrentar qualquer dificuldade.

E por fim vem o que eu diria do meu último encontro com Regina. Ela estava passando por um tratamento, alguma coisa ligada ao tornozelo, um tendão que havia sido machucado.

Naquela tarde em que nos encontramos na estrada, chovia muito. Ela estava muito feliz por haver se recuperado e o Alaor também, ao falar da dificuldade de segurá-la porque ela queria dançar.

O carnaval havia passado há pouco e ela não era de dançar, gostava mesmo de frequentar a igreja no Lago Oeste. Seus momentos de oração não eram só na igreja, eram na casa, no cultivo de sua horta e de suas plantas.

Como ela passava muito tempo no apartamento que tinham em Guarujá, ela me chamava para conversar. Queria contar de um japonês, o acupunturista dela. Mas o japonês e a conversa foram uma coisa adiada, pois no dia seguinte eu soube de uma coisa difícil. O Alaor falando, em um domingo de manhã, em um telefone, uma frase curta, sem mais nem menos, 'Anaiza, a Regina faleceu', como se aquela conversa que nós tivéssemos começado precisasse ser continuada, e simplesmente a Regina faleceu.

Então, como acreditar em uma coisa dessas na vida? A vida é muito mais que isso, é muito mais do que o desaparecimento de um corpo. A alma não desaparece, ela fica com a gente. Falando agora eu a sinto tão linda perto de mim, sinto que posso abraçá-la, que ela ficou com a gente, que ela não se foi...

Olhando em retrospectiva, sinto que o Divino guiou o caminho de Regina Coeli até o fim. Quando os filhos nascem, as mães costumam fazer pacotinho em seus rostinhos. Suspeito que a mãe de Regina era adepta da prática. Floresceu assim o pacote completo para plasmar diferenças na vida de todos os que um dia tiveram a graça de cruzar o seu caminho.

Regina, aqui na Terra agora nós somos inverno, precisando da tua primavera!

Segue em paz.

Anaiza

TRILHA SONORA

Músicas cantadas por Alaor, aquele pelo qual Regina deixou o trabalho para com ele casar, no dia do seu velório.

JULIANO RAVANELLO. Regina Caeli - Gregorian Chants. 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2GMbLx3OeHRyaBoHuhbXJg?si=fjzG1L69ScGKGZE1GIErA> Acesso em (?).

JULIANO RAVANELLO. Salve Regina - Gregorian Chants. 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3y4zCv8OjUrmD-1L19eZzSg?si=Fh8Ne4DFTu2KgXwGnJi-bA>. Acesso em (?).

Reliving Regina Coeli

Direction:

Maria de Nazaré Freitas Pereira (Nazinha)

Testimony:

Adir Nascimento, Anaiza Caminha Gaspar, Davilene Chaves, Luiz Antônio Gonçalves da Silva, Marcia Rocha da Silva, Selma Santiago, Ubirajara Vicente da Silva, Valéria Vieira.

Travel (v.)

live long enough to find yourself. is to prune your own roots. is playing with wings. it is a machine for making memories. is to draw a map with experiences. it is to attest to the immensity of the world. is hitchhiking in the wind. is to realize that our home is fleeting, cities are stations, and we are the train. are we getting to know the world, or the world getting to know us?

João Doederlein (@akapoeta)!

The book of the reframed.

Dig, dig, Regina, say it!

Speak, big head!

Why leave so suddenly? Do you not know that you would make your many cry in vortexes?

I don't want to believe it. I will think of you timeless, here, in my corner, trying, amid tears and verbs still legless of meaning, to manage to conclude what Ramon asked me to do, to which I immediately replied:

Regina was an all-out, restless, upright person. How could you not let yourself be taken by these three **Is** she carried in fury wherever she went? I'm broken. I loved her with passion!

Regina was one of those people who came into the world to make it an honorable place to live in all its fullness. It was a great honor to have her flourish among us! I owe her a lot. Count on me. This invitation is an honor. Thank you. Lena, a friend I carry on my chest, and I were together yesterday in the inaugural class of our post graduate course. We spoke of Regina with a choked voice and eyes filled with longing.

Nazinha

To Anaiza Gaspar, a close friend of Regina, transiting between the public - she was her boss at Ibict - and the private - her country house neighbor, at Lago Oeste... SHE IS SO MUCH!

How to provide a tribute that cannot be singular? In the plural, with people from the private-public weaving a patchwork quilt, similar to those full of history and honor who are characters in wedding rituals in indigenous tribes.

Regina and I entered our respective lives through the door of reason: back and forth of proofreading a collection that Lena and I edited, innumerable article reviews for publication in journal *Ciência da Informação* and, most striking of all, a research to guide the thematic innovation of the journal. Notable for her methodology and the deviation from the normality of full life, opening the door of emotion wide open: Patrícia, my eldest daughter - and it's been nine years - much like Regina, she decided to leave suddenly, without a note, without prior warning.

Regina became mother, older sister, counselor, prayer ... and her office was the place where I interwove research reports and extreme states of mind! The solemnity of those meetings was a delight. Great solemnity and respect was born in facing the laceration, origin of great friendship. And also resilience.

The conversations with Regina's memories organize an archetype of the ideal friend, the innovative employee dedicated to her cause, the person in love with life, woven by facts and feelings narrated by those who lived with her at work: Adir Nascimento, Anaiza Caminha Gaspar, Davilene Chaves, Luiz Antonio Gonçalves da Silva, Marcia Rocha da Silva, Selma Santiago, Ubirajara Vicente da Silva and Valéria Vieira.

Anaiza Gaspar headed the Ibict planning unit in 1987, when she met Regina.

Her passion for the project she was coordinating at the time caught my attention. It was cutting edge, with prospecting methodologies, allowing for future orientations translated into strategies and scenarios for the institution. Few people understood what it was about. She was my most enthusiastic interlocutor! Years go by, anxiety a constant. And here comes the direction of journal *Ciência da Informação*, undoubtedly the work with her brand that she left at Ibict. She was a person of great vision. Her strength lay in a yearning for the things she foresaw, unaware that the good things were to be anticipated, foreseen. A scientific journal can be an instrument to break paradigms, inserting itself in the life course of a person of great vision, like Regina.

Luiz Antonio Gonçalves da Silva speaks of Regina with the same intensity as Anaiza.

From a professional point of view I have to highlight two of her characteristics that caught my attention. The persistence with which she assumed a task until its final completion. So it was, for example, with the publication of the UDC update in Portuguese. How many difficulties appeared and she took the task to the end. The other quality was the boldness with which she launched herself. So it was with journal *Inclusão Social*. As an editor, she sought to broaden the debate on inclusion beyond information science. With persistence, she also managed to collaborate with prominent names of the time who dealt with issues of inclusion in different social and political fields. I can remember names like Zilda Arns, Frei Betto, Leonardo Boff, Fernando Haddad (Minister of Education at the time), Patrus Ananias, and others whose names can be found in the journal's author index. It was a feat on her part. And with a lot of humor, she reported the battle waged to achieve these collaborations.

Soul (s.f)

The one that dances among the fragile bones of my body. The one who embraces the mortality of our being, it is the one who dresses feelings elegantly, it is ethereal, it is the part of people within a dream, it is our body in another life. It is who lives in our essence. It is who sustains the weight of my life.

João Doederlein (@akapoeta)

The book of the reframed.

And what a life! Who illustrates the drive for life is Selma Santiago, Regina's colleague at the Museu Paraense Emílio Goeldi and later at Ibict, one in Rio de Janeiro and the other in Brasília. Born in Belém do Pará, still a student of librarianship, in the early 1970s, Regina did an internship at the Museum's library. Already graduated, she became a librarian at the institution, where she remained until the early 1980s, when she was authorized by the museum's management to specialize in librarianship at the Catholic University of Brasília. It was not easy to face the resistance of the head of the library, but the director of Goeldi, a person always attentive to the "problems" of the employees, let her go; he knew that Regina wanted to live closer to the love of her life, Alaor, a young boy living in Goiânia. No news there: in 1982, the couple dressed their feelings elegantly, in a beautiful ceremony held at the Dom Bosco church, in Brasília. Regina was transferred from the museum to Ibict, where she retired in 2014. And with Alaor she lived until the last moment, making love a solution to life, unconditional love, flowing without direct effort from the heart to welcome, years later, her offspring Leonardo and Eduardo, Leo and Edu, as she lovingly called them. Movies are made up of stories like that.

Regina left beautifully, in a deep calm, at peace. On the day that she was called to inhabit Heaven, as "ever queen", she spread orchids around the rooms and, in a cinematic scene, closed the curtains of the house and withdrew from our world.

Marcia Rocha.

Passages from Regina's life could even be combined in an uplifting film script. Adir Nascimento, who directed the Quality of Life at Ibict for years, shared unimaginable experiences with Regina. The story of the basket of fruits and vegetables that she brought to deliver to a sick person is moving. Davilene Chaves, from Ibict, was part of the editorial team. In a telephone conversation, she added that the harvest of the products that the basket filled was done at Regina's farm, by herself, who also cultivated them. This is why Adir says:

When a special person leaves our lives, we realize how much she remains alive in our thoughts. Often, even more alive than before. It is difficult to forget a person like Regina. From her teachings, from the huge heart she had, always willing to help others. She was my great partner at Quality of Life. The respect she had for people and the love she had for her work caught my attention. I remember our dear Jair Pereira dos Santos, when he fell ill and Regina brought baskets of fruits and vegetables for me to deliver to his family, so that he could have a good diet, since he had leukemia. At the time of the youngsters from the Bom Menino Program, she helped many minors, who were mostly breadwinners and in great need. That was Regina: mother when we needed a lap, friend when we needed a hug and a wise counselor when we needed help to resolve any professional or personal issue. I will keep in my heart beautiful memories of her, in addition to her generosity and the respect she had for my work and for the human being. Today a new star lights up the sky. Regina was the most humorous, most humane, most friendly person I have ever met. So the sky is happy. It was a privilege to meet her. I will keep her teachings forever. And believe me, special people like that never die, they become immortal.

In the same wavelength, Ubirajara Vicente da Silva, translator of the Universal Decimal Classification, and who spent with Regina a long period of time, will continue to keep her "always before his eyes, like that kind, skillful, competent person radiant with happiness for being fully realized in life.

Regina (s.p.):

Regina originates from the Latin Regina, which literally means “queen”, “absolute lady” or “the greatest”.

Dictionary of proper names. <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/regina/>

But Regina, who still had Coeli added to her name, orchestrated a queen's heaven in the lives of the people she guided! Valéria Vieira, aged 16, joins Ibict for an internship in the Publishing Section, with her in charge. After a time guided and polished by the fairy godmother, the girl lives a fairy tale: she climbed floors to become secretary of the direction, a role she still holds majestic today. Gratitude is the motto!

Of so many wonderful people I met in the world, one of them is called Regina Coeli: a giant heart, which hugged me and welcomed me, as boss, mother, friend and counselor. She exercised love and compassion for others, helped many people, was careful and affectionate with them, as if they were family members; she was calm and agitation, two versions resided inside her; lightness in speech and speed in action; she was not a woman that never gave up, what she wanted, she carried out until the end. I thank God for the opportunity to have lived with her, and for having entered my life whole; much of what I am has her participation and teachings. Thankfully, there are memories. With and because of them, people remain alive within us!

Who remembers Regina now is Marcia Rocha, who worked with her on Canal Ciência.

I imagine that almost everything has already been said about the professional, the woman, the strong and sensitive friend named Regina Coeli. I think about what could have been left unwritten by my colleagues at Ibict. There are times like this, when even our thoughts are closed, like old cameras, in a kind of “zoom” in the opposite direction. The words hurt and resist coming out.

I close my eyes and see the expression on her face.

Immediately, comes to me the smile that came easy, that shone, spread and filled rooms through the eyes, of her contagious joy of living. When we entered *Ciência da Informação*, that energy was present. Regina always had a range of subjects to talk to everyone, from the cleaning employee to the director of the Institution. She was a social being.

Instantly, too, the jovial image of that “absolute lady” comes to me. Her hair in copper tones, combed, twisted and stuck on top of the head, in a classic bun and, at the same time, modern and stripped. Who doesn't remember this unique Regina Coeli brand?

My first working day at Ibict was unforgettable. It was 2003 and Professor Marisa Bräscher, then director of the institution, took me to *Ciência da Informação* to meet Regina. In a willingness, in a firm decision, in acting with her heart, she welcomed me: “- Be very welcome, Márcia, this will be the support point of Canal Ciência!” It was a new project for scientific dissemination, just launched, on which I would work for 10 years.

Time took its turns around the sun.

Our retirement came, and each one took a different course. Between our comings and goings, she between Brasília-São Paulo-Guarujá, I among several other trips, we managed to meet a few times.

Her country house, a sanctuary outside the noisy world, was not a place that renounced the world, but a paradise on Earth where, together with her dearest family members, she connected and restored her energy and well-being, enjoying life in contact with nature.

Regina left beautifully, in a deep calm, at peace. On the day that she was called to inhabit Heaven, as “ever queen”, she spread orchids around the rooms and, in a cinematic scene, closed the curtains of the house and withdrew from our world.

I will miss this woman ahead of her time and who has influenced everyone ... with her ancient wisdom.

To this kind and generous being, I offer my gratitude and my love.

And I honor her journey with us. Thinking like this consoles me, fills me and strengthens me.

Death (s.f.)

She is the twin sister of life, judge, it is when the drought arrives in the hinterland, it is to be eternalized in our own past.

When the battery of the soul runs out. It is to stop our own clock.

Too heavy for someone who doesn't rely on acceptance.

Too short a syllable for so much pain.

It's when the universe asks back for what it gave.

João Doederlein (@akapoeta)!

The book of the reframed.

Anaiza Gaspar remembers her personal friend, of coexistence, always affectionate, ready to help.

A problem that we shared ended up becoming something that she totally gave herself in, and with an incredible willingness to solve or find alternatives, solutions, which were many, like life itself, which is never a straight path, but there are multiple options, multiple choices. It was like that with the purchase of the country house, because my son wanted to build a kennel, and she ended up bringing me to Lago Oeste. At the same time, she was looking for a spacious place for her two young children as well as put the beautiful things around her. That was her characteristic, of taking care of the house. She ends up buying a country house also on Lago Oeste. Regina was also urban but Alaor liked the countryside, had plans for when he retired. And she faced it all with a certain nostalgia. She was afraid of crickets. Both houses, small at the beginning, were built at the same time. Regina, much more down to earth, in addition to giving me incredible suggestions, alerted me to possible choices that would not work. More than a dear friend, she was a lovely sister.

Regina's tiny house gives way to a big house. And again I was living what she did extraordinarily, with great joy with a glass wall that looked out on the garden, or a bathroom with a wonderful bathtub! At the same time, she had an incredible garden, which Alaor cultivated. I cannot imagine a couple who had gone through life and all difficulties with such good spirit. It is not that there were no conflicts. The thing is they had a very strong joy, because they knew they could count on each other. It is a love that goes beyond the romantic love imagined by many.

Regina's love for Alaor is born out of this difficult thing that is to accept otherness. More than accepting is to live with what is in the other, and make the other your best achievement.

That was Regina. Not only did she walk with that huge, wide, pleasant smile, her eyes shining, that's how I see her today. She didn't die. People like that don't die, they don't disappear, they leave their mark with such strength and joy, that we believe they are perennial. Every time I remember Regina, whether on the road here on Lago Oeste, where we always crossed paths, whether at my house or hers, what comes is the joy to face any difficulty.

And finally comes what I would say about my last meeting with Regina. She was undergoing treatment, something regarding her ankle, a tendon that had been injured.

That afternoon when we met on the road, it was raining a lot. She was very happy to have recovered and so was Alaor, speaking of the difficulty of restraining her because she wanted to dance.

Carnival had just passed and she wasn't much of a dancer, she really liked attending church on Lago Oeste. Her moments of prayer were not only in the church, they were at home, in the cultivation of her vegetable garden and plants.

As she spent a lot of time in the apartment they had in Guarujá, she called me to talk. She wanted to tell me about a Japanese, her acupuncturist. But the Japanese and the conversation were delayed, because the next day I learned something difficult. Alaor speaking, on a Sunday morning, on the phone, a short sentence, just like that, 'Anaiza, Regina passed away', as if that conversation we had started needed to be continued, and simply Regina passed.

So, how to believe such a thing in life? Life is much more than that, it is much more than the disappearance of a body. The soul does not disappear, it stays with us. Speaking now, I feel her so beautiful close to me, I feel that I can hug her, that she stayed with us, that she is not gone ...

Looking back, I feel that the Divine guided Regina Coeli's journey to the end. When children are born, mothers usually make little packages on their faces. I suspect that Regina's mother was adept of the practice. The complete package thus flourished to shape differences in the lives of all those who once had the grace to cross her path.

Regina, here on earth now we are winter, needing your spring!

Go in peace.

Anaiza

SOUNDTRACK

Music sang by Alaor, the one for whom Regina left her job to wed, on the day of her funeral.

JULIANO RAVANELLO. Regina Caeli - Gregorian Chants. 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2GMbLx3OeHRya bOHuhbXJg?si=fjzG1L69ScGKGZE1GIExrA> Acesso em (?).

JULIANO RAVANELLO. Salve Regina - Gregorian Chants. 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3y4zCv8OjUrmD1L19eZzSg?si=Fh8Ne4DFTu2KgXwGnJi-bA>. Acesso em (?).

Reviviendo a Regina Coeli

Dirección:

Maria de Nazaré Freitas Pereira (Nazinha)

Testimonios:

Adir Nascimento, Anaiza Caminha Gaspar, Davilene Chaves, Luiz Antônio Gonçalves da Silva, Marcia Rocha da Silva, Selma Santiago, Ubirajara Vicente da Silva, Valéria Vieira.

Viajar (v.)

viver lo suficiente para encontrarse. es poder tus propias raíces. es jugar de tener alas. es máquina para hacer recuerdos. es dibujar un mapa con experiencias. es atestiguar la inmensidad del mundo. es viajar con el viento. es darse cuenta de que el hogar es fugaz, las ciudades son estaciones y nosotros somos el tren. ¿estamos llegando a conocer el mundo, o el mundo nos está conociendo?

João Doederlein (@akapoeta)!

El libro de lo reformulado.

¡Dig, dig, Regina, dime!

Habla, cabezón!

¿Por qué irse así de repente? ¿No sabes que harías llorar a muchos en vórtices?

No quiero creerlo Pensaré en ti sin tiempo, aquí, en mi esquina, intentando, entre lágrimas y verbos aún sin sentido, dar cuenta de lo que Ramón me pidió que hiciera, a lo que respondí de inmediato:

Regina era completa, inquieta, íntegra. ¿Cómo no dejarse llevar por estos tres Is que ella llevaba furiosa donde quiera que fuera? Estoy quebrantada. ¡La amaba con pasión!

Regina fue una de esas personas que vinieron al mundo para convertirlo en un lugar honorable para vivir en toda su plenitud. ¡Fue un gran honor que floreciera entre nosotros! Le debo mucho. Cuente conmigo. Es un honor esta invitación. Muchas gracias. Lena, una amiga que llevo en el pecho, y yo estuvimos juntas ayer en la clase inaugural de nuestro posgrado. Hablamos de Regina con una voz ahogada y ojos llenos de anhelo.

Nazinha

Para Anaiza Gaspar, una amiga íntima de Regina, que transitaba entre el público (era su jefa en el IbiCT) – y lo privado – era vecina de casa de campo, en el Lago Oeste ... ¡ELLA ES MUCHA COSA!

¿Cómo podemos dar cuenta de un tributo que no puede ser singular? En plural, con personas del público-privado tejiendo una colcha de retazos, similar a aquellos llenos de historia y honor que son personajes en los rituales de boda en las tribus indígenas.

Regina y yo entramos en nuestras respectivas vidas por la puerta de la razón: a las vueltas con la revisión de pruebas de una colección que editamos Lena y yo, innumerables evaluaciones de artículos para publicación en la revista *Ciência da Informação* y, lo más sorprendente de todo, una investigación para guiar la innovación temática de la revista. Destaca por su metodología y el desvío de la normalidad de la vida plena, abriendo la puerta de la emoción de par en par: Patrícia, mi hija mayor, y ya se pasaron nueve años, así como Regina, decidió irse de repente, sin dejar una nota, sin previo aviso.

Regina se convirtió en madre, hermana mayor, consejera, rezadora ... ¡y su sala de trabajo era el lugar donde yo entretreía informes de investigación y estados mentales extremos! La solemnidad de esos encuentros plasmó encanto. Nació una gran solemnidad y respeto al enfrentar el desgarrar, el origen de una gran amistad. Y también alta resistencia.

Las charlas con los recuerdos de Regina organizan un arquetipo del amigo ideal, el empleado innovador dedicado a su causa, la persona enamorada de la vida, tejido por hechos y sentimientos narrados por quienes vivieron con ella en el trabajo: Adir Nascimento, Anaiza Caminha Gaspar, Davilene Chaves, Luiz Antonio Gonçalves da Silva, Marcia Rocha da Silva, Selma Santiago, Ubirajara Vicente da Silva y Valéria Vieira.

Anaiza Gaspar dirigió la unidad de planificación del IbiCT en 1987, cuando conoció a Regina.

Su pasión por el proyecto que coordinaba en ese momento me llamó la atención. Era una cosa de vanguardia, con metodologías de prospección, que permitía orientaciones futuras traducidas en estrategias y escenarios para la institución. Pocas personas entendieron de qué se trataba. ¡Era mi interlocutora más entusiasta! Pasan los años, la ansiedad una constante. Y aquí viene la dirección de la revista *Ciência da Informação*, sin duda el gran trabajo con su marca que dejó en IbiCT. Ella era una persona de gran visión. Su fuerza radicaba en un anhelo por las cosas que adivinaba, sin saber que eran las cosas buenas las que debían anticiparse, adivinarse. Una revista científica puede ser un instrumento para romper paradigmas, insertándose en el curso de la vida de una persona de gran visión, como Regina.

Luiz Antonio Gonçalves da Silva habla de Regina con la misma intensidad que Anaiza.

Desde un punto de vista profesional, debo destacar dos de sus características que me llamaron la atención. La persistencia con la que asumió una tarea hasta su finalización final. Así fue, por ejemplo, en la publicación de la actualización de la CDU en portugués. Cuántas dificultades aparecieron y ella llevó la tarea hasta el final. La otra cualidad fue la audacia con la que se lanzaba. Así fue con la revista *Inclusão Social*. Como editora, buscó ampliar el debate sobre la inclusión más allá de la ciencia de la información. Con persistencia, también logró colaborar con nombres prominentes de la época que se ocuparon de cuestiones de inclusión en diferentes campos sociales y políticos. Puedo recordar nombres como Zilda Arns, Frei Betto, Leonardo Boff, Fernando Haddad (Ministro de Educación de la época), Patrus Ananias y otros cuyos nombres se pueden encontrar en el índice de autores de la revista. Fue una hazaña de tu parte. Y con mucho humor, informo sobre la batalla que libró para lograr estas colaboraciones.

Alma (s.f)

*Es la que baila entre los frágiles huesos de mi cuerpo.
Es el que abraza la mortalidad de nuestro ser, es el que viste
los sentimientos con elegancia, es etéreo, es parte de las
personas dentro de un sueño, es nuestro cuerpo en otra vida.
Es quien vive en nuestra esencia. es quien sostiene el peso de mi vida.*

João Doederlein (@akapoeta)!

El libro de lo reformulado.

¡Y qué vida! Quien ilustra el impulso por la vida es Selma Santiago, colega de Regina en el Museu Paraense Emílio Goeldi y más tarde en Ibict, uno en Río de Janeiro y el otro en Brasilia. Nacida en Belém do Pará, todavía estudiante de biblioteconomía, a principios de la década de 1970, Regina realizó una pasantía en la biblioteca del Museo. Ya graduada, se convirtió en bibliotecaria en la institución, donde permaneció hasta principios de la década de 1980, cuando fue autorizada por la gerencia del museo para especializarse en biblioteconomía en la Universidad Católica de Brasilia. No fue fácil enfrentar la resistencia del jefe de la biblioteca, pero el director de Goeldi, una persona siempre atenta a los «problemas» de los empleados, la dejó ir; él sabía que Regina quería vivir más cerca del amor de su vida, Alaor, un muchacho que vivía en Goiânia. No podía dar en otra: en 1982, la pareja vistió sus sentimientos con elegancia, en una hermosa ceremonia celebrada en la iglesia de Dom Bosco, en Brasilia. Regina fue transferida del museo al Ibict, donde se retiró en 2014. Y con Alaor vivió hasta el último momento, haciendo del amor una solución de vida, amor incondicional, que fluía sin esfuerzo directo del corazón para recibir, años más tarde, el disparo a Leonardo y Eduardo, Leo y Edu, como ella los llamaba amorosamente. Las películas son hechas de historias como esa.

Regina se fue bellamente, en una profunda calma, en paz. El día en que fue llamada a habitar el Cielo, como “siempre reina”, extendió orquídeas por las habitaciones y, en una escena cinematográfica, cerró las cortinas de la casa y se retiró de nuestro mundo.

Marcia Rocha

Los pasajes de la vida de Regina podrían realmente combinarse en un guión cinematográfico edificante. Adir Nascimento, quien dirigió la Calidad de Vida en Ibict durante años, compartió experiencias inimaginables con Regina. La historia de la canasta de frutas y verduras que traía para entregar a una persona enferma es conmovedora. Davilene Chaves, de Ibict, formó parte del equipo editorial. En una charla telefónica, agregó que la cosecha de los productos que llenaba la canasta se hacía en la granja de Regina, ella misma, que también los cultivaba. Por eso, Adir dice:

Cuando una persona especial deja nuestras vidas, nos damos cuenta de cuánto permanece vivo en nuestros pensamientos. A menudo, incluso más vivo que antes. Es difícil olvidar a una persona como Regina. Por sus enseñanzas, por el gran corazón que tenía, siempre queriendo ayudar a otros. Fue mi gran compañera en la *Calidad de Vida*. El respeto que sentía por las personas y el amor que sentía por su trabajo me llamó la atención. Recuerdo a nuestro querido Jair Pereira dos Santos, cuando se enfermó y Regina trajo canastas de verduras, frutas y verduras para que yo pudiera entregar a su familia, para que pudiera tener una buena dieta, ya que tenía leucemia. En la época de los menores del Programa Bom Menino, ayudó a muchos menores, que en su mayoría eran sostenedores de las familias y con gran necesidad. Regina era así: madre cuando necesitábamos de cuidado, amiga cuando necesitábamos de un abrazo y una sabia cuando necesitábamos ayuda para resolver cualquier problema profesional o personal. Guardaré en mi corazón hermosos recuerdos de ella, además de su generosidad y el respeto que tenía por mi trabajo y por el ser humano. Hoy una nueva estrella ilumina el cielo. Regina fue la persona más graciosa, más humana y más amable que he conocido. Entonces el cielo está feliz. Fue un privilegio conocerla. Guardaré tus enseñanzas para siempre. Y créanme, personas tan especiales así nunca mueren, se tornan inmortales.

En la misma línea, Ubirajara Vicente da Silva, traductor de la Clasificación Decimal Universal, y que vivió con Regina durante mucho tiempo, seguirá teniendo a ella “siempre ante sus ojos, como esa persona de felicidad afable, hábil, competente y radiante por tener si totalmente realizado en la vida .

Regina (s.p.):

Regina se origina del latín Regina, que literalmente significa “reina”, “dama absoluta” o “la más grande”.

Diccionario de nombres propios. <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/regina/>

¡Pero Regina, que todavía tenía Coeli agregada a su nombre, orquestó el cielo de reina en la vida de las personas que guió! Valéria Vieira, a los 16 años, se une a Ibict para una pasantía en la Sección de Publicaciones, con ella a cargo. Después de un tiempo guiada y pulida por su hada madrina, la niña vive un cuento de hadas: subió de cargos para convertirse en secretaria de la dirección, un papel que todavía tiene hoy, majestuosa. La gratitud es el lema!

De tantas personas maravillosas que conocí en el mundo, una de ellas se llama Regina Coeli: un corazón gigante, que me abrazó y me dio la bienvenida, como jefe, madre, amiga y consejera. Ella ejerció amor y compasión por los demás, ayudó a muchas personas, tuvo cuidado y afecto por ellos, como si fueran familiares; era calma y agitación, dos versiones residían en ella; ligereza en el habla y velocidad en la acción; ella no era una mujer para rendirse, lo que quería, ella llevaba a cabo. Doy gracias a Dios por la oportunidad de haber vivido con ella y por haber entrado en mi vida entera; gran parte de lo que soy tiene su participación y enseñanzas. Afortunadamente, hay recuerdos. ¡Con y por ellos, las personas permanecen vivas dentro de nosotros!

Quien se recuerda de Regina ahora es Marcia Rocha, quien trabajó con ella en el Canal Ciência.

Me imagino que ya se ha dicho casi todo sobre la profesional, la mujer, la amiga fuerte y sensible llamada Regina Coeli. Pienso en lo que mis colegas de Ibict podrían haber dejado sin escribir. Hay ocasiones como esta, cuando incluso nuestros pensamientos están cerrados, como cámaras antiguas, en una especie de “zoom” en la dirección opuesta. La palabra duele y se resiste a salir.

Cierro los ojos y veo la expresión en su rostro.

Inmediatamente, me viene su sonrisa fácil, que brillaba, se extendía y llenaba habitaciones a través de los ojos, de su contagiosa alegría de vivir. Cuando entrábamos en la *Ciência da Informação*, esa energía estaba presente. Regina siempre tenía una variedad de temas para hablar con todos, desde el empleado que se encargaba de la limpieza del Ibict hasta el director de la institución. Era un ser social.

Al instante, también, me viene la imagen jovial de esa “dama absoluta”. Su cabello en tonos cobrizos, peinado, retorcido y pegado en la parte superior de la cabeza, en un

moño clásico y, al mismo tiempo, moderno y despojado. ¿Quién no recuerda esta marca única de Regina Coeli?

Mi primer día laboral en Ibict fue inolvidable. Era 2003 y la profesora Marisa Bräscher, entonces directora de la institución, me llevó a Ciencias de la Información para conocer a Regina. Ella, en una disposición, en una firmeza de decisión, en el actuar con su corazón, me dio la bienvenida: “- Eres muy bienvenida, Márcia, aquí será el punto de apoyo del Canal Ciência.” Era un nuevo proyecto de difusión científica, recién lanzado, en el que trabajaría durante diez años.

El tiempo se ha movido alrededor del sol.

Nuestro retiro llegó y cada una siguió su curso. Entre nuestro ir y venir, ella entre Brasilia-São Paulo-Guarujá, yo entre varios otros viajes, logramos encontrarnos algunas veces.

Su casa en la granja, un santuario fuera de ese mundo ruidoso, no era un lugar que renunciara al mundo, sino un paraíso en la Tierra donde, junto con sus familiares más queridos, se conectaba y restauraba su energía y bienestar, disfrutando de la vida en contacto con la naturaleza.

Regina se fue bellamente, en una profunda calma, en paz. El día en que fue llamada a habitar el Cielo, como “reina”, extendió orquídeas por las habitaciones y, en una escena cinematográfica, cerró las cortinas de la casa y se retiró de nuestro mundo.

Extrañaré a esta mujer fuera de tu tiempo y que contagiaba a todos ... con su antigua sabiduría.

A este ser amable y generoso, le ofrezco mi gratitud y mi amor.

Y honro su viaje con nosotros. Pensar así me consuela, me llena y me fortalece .

Muerte (s.f.)

Ella es la hermana gemela de la vida, juez, es cuando la sequía llega al interior, es eternizarse en propio pasado. Cuando la batería del alma se agota. Es detener el propio reloj. Demasiado pesado para alguien que no confía en la aceptación. Poca sílaba para tanto dolor. Es cuando el universo pide de vuelta lo que dio.

João Doederlein (@akapoeta)!

El libro de lo reformulado.

Anaiza Gaspar recuerda a su amiga de su vida personal, de convivencia, siempre cariñosa, dispuesta a ayudar.

Un problema que compartimos terminó convirtiéndose en algo a lo que ella se entregó totalmente, y con una disposición increíble para resolver o encontrar alternativas, soluciones, que eran muchas, como la vida misma, que nunca es un camino directo, pero hay múltiples opciones, múltiples escojas. Fue así con la compra de la granja, porque mi hijo quería construir una perrera, y ella terminó llevándome al Lago Oeste. Al mismo tiempo, estaba buscando un lugar espacioso para sus dos hijos pequeños y también para poner las cosas hermosas a su alrededor. Esa era su característica, la de cuidar la casa. Ella termina comprando una granja también en el Lago Oeste. Regina también era urbana, pero a Alaor le gustaba el campo, tenía planes para su retiro. Y ella enfrentó todo eso con cierta nostalgia. Tenía miedo a los grillos. Ambas casas, pequeñas al principio, fueron construidas al mismo tiempo. Regina, mucho más realista, además de darme sugerencias increíbles, me alertó sobre posibles opciones que no funcionarían. Más que una querida amiga, ella era una hermana encantadora.

¡La pequeña casa de Regina da paso a una casa grande. Y nuevamente estaba yo viviendo lo que ella hizo extraordinariamente, con gran alegría con una pared de vidrio que daba al jardín, o un baño con una bañera maravillosa! Al mismo tiempo, ella tenía un jardín increíble, que Alaor cultivaba. No puedo imaginar una pareja que haya pasado por la vida y todas las dificultades con tan buen humor. No es que no hubiera conflictos. Tenían una alegría muy fuerte, porque sabían que podían contar el uno con el otro. Es un amor que va más allá del amor romántico imaginado por muchos.

El amor de Regina por Alaor nace de esta cosa difícil que es aceptar la otredad. Más que aceptar es vivir con lo que hay en el otro y hacer del otro su mejor realización.

Esa fue Regina. No solo caminó con esa enorme, amplia y agradable sonrisa, sus ojos brillaban, así es como todavía la veo hoy. Ella no murió. Las personas así no mueren, no desaparecen, dejan su huella con tanta fuerza y alegría que creemos que son perennes. Cada vez que recuerdo a Regina, ya sea en el camino aquí en Lago Oeste, donde siempre nos cruzamos, ya sea en mi casa o en la de ella, lo que viene es la alegría de enfrentar cualquier dificultad.

Y finalmente viene lo que diría sobre mi último encuentro con Regina. Ella estaba en tratamiento, algo relacionado a su tobillo, un tendón que había lesionado.

Esa tarde, cuando nos encontramos en el camino, estaba lloviendo mucho. Estaba muy feliz de haberse recuperado y también Alaor, que hablaba de la dificultad de aquietarla porque quería bailar.

El carnaval acababa de pasar y ella no era de bailar, realmente le gustaba ir a la iglesia en el Lago Oeste. Sus momentos de oración no eran solo en la iglesia, sino también en su casa, en el cultivo de su huerto y plantas.

Como pasaba mucho tiempo en el apartamento que tenían en Guarujá, ella me llamó para hablar. Quería contarme sobre un japonés, su acupunturista. Pero los japoneses y la conversación se retrasaron, porque al día siguiente supe de algo difícil. Alaor hablaba, un domingo por la mañana, por teléfono, una breve frase, así no más: 'Anaiza, Regina falleció', como si aquella charla que habíamos comenzado debía continuar, y simplemente Regina falleció.

Entonces, ¿cómo creer una cosa así en la vida? La vida es mucho más que eso, es mucho más que la desaparición de un cuerpo. El alma no desaparece, se queda con nosotros. Hablando ahora, la siento tan hermosa cerca de mí, siento que puedo abrazarla, que se quedó con nosotros, que no se fue ...

Mirando hacia atrás, siento que el Divino guió el viaje de Regina Coeli hasta el final. Cuando nacen los niños, las madres generalmente hacen pequeños paquetes en sus caras. Sospecho que la madre de Regina era experta en la práctica. El paquete completo floreció para dar forma a las diferencias en la vida de todos aquellos que alguna vez tuvieron la gracia de cruzarse en su camino.

Regina, aquí en la tierra ahora somos el invierno, ¡necesitamos tu primavera!

Sigue en paz.

Anaiza

BANDA SONORA

Músicas cantadas por Alaor, aquél por quién Regina dejó el trabajo para con el casarse, en el día de su velorio.

JULIANO RAVANELLO. Regina Caeli - Gregorian Chants. 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2GMbLx3OeHRya bOHuhbXJg?si=fzG1L69ScGKGZE1G1ExrA> Acesso em (?).

JULIANO RAVANELLO. Salve Regina - Gregorian Chants. 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3y4zCv8OjUrmD1L19eZzSg?si=Fh8Ne4DFTu2KgXwGnJi-bA>. Acesso em (?).

Regina Coeli Silva Fernandes



☀ 12 de novembro de 1948
† 6 de março de 2020